

RASTROS, MEMÓRIA E DRAMA HUMANO NO ROMANCE *BANGUÊ*

TRACES, MEMORY AND HUMAN DRAMA IN THE NOVEL *BANGUÊ*

Recebido: 18/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2825

Maria Aparecida de Almeida Rego¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3111-9907>

Derivaldo dos Santos²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7001-8578>

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma leitura do romance *Banguê* (1934), de José Lins do Rego, a partir da teoria do rastro, de Walter Benjamin (2006), (SEDLMAYER, GINZBURG, 2012). *Banguê* apresenta como tema central o contexto dos engenhos de cana de açúcar do nordeste brasileiro e tem como narrador protagonista Carlos de Melo, neto do senhor de engenho coronel José Paulino. Será a partir das retomadas de Carlos (os rastros) que o leitor compreenderá o que aconteceu em seu passado. A partir das transformações vividas por Carlos e pelo engenho Santa Rosa, tentaremos mapear os rastros que a narrativa apresenta para significar os restos. É possível perceber que a trajetória vivida por Carlos de Melo revela um encontro entre passado e presente, um passado de abundância e apogeu do Santa Rosa; um presente de decadência do engenho e de solidão de Carlos de Melo. Desse modo, o rastro consiste em um procedimento interpretativo do passado que pressupõe pensar a narrativa a partir do ponto de vista histórico, situando a coisa vivida em tempos de outrora. Segundo Ginzburg (2012), romances com *Banguê* expõem mundos conflituosos sem conciliação em que a estranheza se acentua. Em meio a tantos conflitos vivenciados pelas personagens, podemos tentar compreender o passado histórico, econômico e social do país.

Palavras-chave: Romance; Rastro; Memória; Resistência; *Banguê*.

Abstract: This paper aims to present a reading of the novel *Banguê* (1934), by José Lins do Rego, based on Walter Benjamin's (2006) theory of the trace (SEDLMAYER, GINZBURG, 2012). *Banguê* presents as its central theme the context of the sugar cane mills in northeastern Brazil and has as its

¹ Possui graduação em Letras (2006), Especialização em Leitura e Produção de Texto (2011) e Especialização em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte (2013) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre (2015) em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Cursa Doutorado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/UFRN. É professora Formadora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (RN), professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal do Natal. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Norte-Riograndense e Leitura e Produção de Textos. É pesquisadora vinculada ao Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Riograndense. Autora do livro "Entre salinas e maledicências: uma leitura do romance 'Macau' em contexto de ensino" (2018). E-mail: cidinhalettras_ufrn@yahoo.com.br

² Possui graduação em Letras (1994) e mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998); doutorado em Teoria literária pela Universidade Federal de Pernambuco (2006) e Pós-doutorado pela UFMG (2019). É professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lotado no Departamento de Letras (UFRN); professor e orientador nos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), do mestrado profissional (PROFLETRAS/NATAL-RN). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos da Modernidade: processos de formação cultural, cadastrado no CNPq, com pesquisas voltadas para os seguintes temas: literatura e representações sociais, literatura e história, tradição e modernidade, silêncio e violência, memória social e identidades. E-mail: sderivaldo10@gmail.com

protagonist narrator Carlos de Melo, grandson of the miller coronel José Paulino. It is from Carlos' life stories (the traces) that the reader will understand what happened in his past. Based on the transformations experienced by Carlos and the Santa Rosa mill, we will try to map the traces that the narrative presents to signify the remains. It is possible to see that the trajectory lived by Carlos de Melo reveals a meeting between past and present, a past of abundance and apogee of Santa Rosa; a present of decadence of the mill and loneliness of Carlos de Melo. In this way, the trace theorie consists of an interpretative procedure of the past that presupposes thinking the narrative from a historical point of view, placing the thing lived in times of yesteryear. According to Ginzburg (2012), novels like *Banguê* expose conflicting worlds without conciliation in which strangeness is accentuated. Amidst so many conflicts experienced by the characters, we can try to understand the historical, economic, and social past of the country.

Keywords: Novel; Tracel; Memory; Resistance; Banguê

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma leitura do romance *Banguê* (1934), de José Lins do Rego (1901–1957), à luz da teoria do rastro, segundo a perspectiva de Walter Benjamin (2006). A prosa ficcional de José Lins situa-se historicamente na década de 1930, período conhecido como “Romance social”. O romance *Banguê* é a terceira obra a integrar a trilogia romanesca do escritor paraibano, apresentando como tema central o contexto dos engenhos de cana de açúcar do nordeste brasileiro no início do século XX.

No primeiro romance de José Lins do Rego, intitulado *Menino de Engenho* (1932), o narrador-protagonista Carlos de Melo narra sua infância a partir do momento em que fica órfão e vai morar no engenho do avô materno José Paulino, o Santa Rosa. A trama segue até o momento em que ele sai para um internato. No segundo romance, *Doidinho* (1933), o narrador, também protagonista, Carlos de Melo, mostra ao leitor os insuportáveis anos vividos na escola do Sr. Maciel, espaço onde ganha o apelido “doidinho”. No terceiro romance, *Banguê*, o protagonista, já homem feito, com a carta de bacharel nas mãos, regressa ao Santa Rosa para fazer companhia ao avô que já está velho e, talvez, dá continuidade aos trabalhos do engenho. Porém, nem Carlos nem o Santa Rosa são os mesmos, pois ele não é mais criança, o engenho não tem mais o vigor dos tempos prósperos e o que permanece são as lembranças do passado em conflito com o presente em tensão.

A princípio, o leitor percebe uma lacuna temporal entre o final da segunda narrativa e o início da terceira. Esse tempo corresponde aos anos em que o narrador-protagonista cursa Direito na faculdade em Recife, período em que este leva uma vida boêmia. Essa lacuna temporal será preenchida ao longo de *Banguê*, a partir das lembranças, quando a personagem retoma os tempos da academia e das casas de

pensão e assim registra: “os meus anos de estudante levei-os entre extravagâncias, mulheres insignificantes, e com este sonho de grandeza na cabeça. [...] E o que me restava de tudo isto agora era a realidade de uma vida na iminência de um novo rumo” (p. 19). Nesse caso, o processo de rememoração na narrativa surge como uma chave de interpretação do passado vivido pela personagem, imprescindível à compreensão de momento histórico.

Nessa perspectiva, “aquilo que resta de um passado, de uma trajetória, pode construir uma base para tentar compreender o que ocorreu a um indivíduo ou a uma sociedade” (SEDLMAYER, GINZBURG, 2012, p. 8). Deste modo, por rastro entendemos o passado que vem como reminiscência, não como totalidade dos fatos ocorridos, uma vez que “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1985, p. 224). Isto posto, a “imagem que relampeja” sinaliza que o passado se inscreve no presente ou que este o recolhe em forma de resíduos, pedaços, traços, vestígios da história ocorrida, de seus rastros, conforme diz Benjamin (1985). Sob esse viés, se o rastro permite traduzir o ocorrido nos escombros do tempo, ele é capaz de clarificar o passado no presente pelo processo de rememoração, o que se estabelece como necessidade de luta contra o apagamento do que se passou. Nesses termos, conforme comenta Löwy (2005, p. 62), o ato de lembrar abriga uma “constelação crítica que um fragmento do passado forma precisamente com um momento do presente”, interferência na qual o registro distinto do tempo consiste na apropriação de uma reminiscência ou de resíduos do que sobrou da história vivida. Se nos tornamos, nas palavras de Benjamin, “mais pobres em experiências comunicáveis”, a narrativa literária, como contrassenso ao mundo legitimado pela razão instrumental, é capaz de nos conduzir a uma visão do “que nada do que aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1985, p. 223, tese, 3), o que implica a defesa do “patrimônio humano” face à “moeda miúda do atual” (BENJAMIN, 1985).

Com base nessas informações, trata-se de examinar o modo como no processo de rememoração do narrador-personagem, na ambientação do Santa Rosa, reside um passado que vem ao presente sob a forma de vestígios e de rastros a partir dos quais a narrativa faz significar os restos do que passou (SEDLMAYER e GUINZBURG, 2012).

O trabalho proposto toma como procedimento de análise o método dialético na articulação entre obra literária e contexto social, com foco principal na abordagem da

literatura, por considerá-la como ponto de partida e de chegada da análise literária. Contrária ao entendimento do texto literário como realidade autônoma, sem vínculo com a realidade social e histórica, adota-se a perspectiva do método integrativo, segundo a concepção de Antonio Candido, compreendendo a análise da obra em sua relação com a vida social. Assim, concentraremos nossa investigação do romance objeto deste estudo, analisando o que ele tem de singular numa compreensão tanto do texto quanto do contexto ao qual ele se vincula. Conforme Candido (1981, p. 30), “o desejo de compreender todos os produtos do espírito leva a considerar o papel da obra no contexto histórico, utilizando este conhecimento como elemento de interpretação da obra”.

As lembranças de Carlos de Melo

Jeanne Marie Gagnebin (2002, p. 128) defende que “a escrita [é] um rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos”. Essa reflexão é bastante pertinente para a abertura desse tópico sobre os rastros deixados por Carlos de Melo, pois será a partir das marcas da escrita que teremos contato com a trajetória do narrador, e o passado aparece a partir dos sinais registrados no presente. Sobre isso, Nietzsche (2005, p. 99) afirma que “é preciso que o conhecimento do passado seja sempre desejado somente para servir ao futuro e ao presente, não para enfraquecer o presente ou para cortar as raízes de um futuro vigoroso”. Na trama narrativa em estudo, pode-se dizer que ao presente do narrador-personagem se interpõem vestígios do passado, de modo que a sua articulação com os tempos é uma experiência indissociável.

A memória e as lembranças do neto de José Paulino, em *Banguê*³, aparecem desde o princípio de seu regresso ao Santa Rosa: “Afastara-me uns dez anos do Santa Rosa. O engenho vinha sendo para mim um campo de recreio nas férias de colégio e de academia” (p. 17). A narrativa finaliza com a saída definitiva do engenho: “Agora ia sair para sempre do Santa Rosa. Ali sofrera muito nos últimos anos” (p. 237). O primeiro afastamento foi em decorrência dos estudos. Como herdeiro de senhor de engenho, estava “predestinado” a adquirir conhecimento em espaços mais

³ A primeira edição deste romance é de 1934. Para esse artigo, utilizamos a 24ª edição: REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. A partir desse momento, os trechos citados serão indicados apenas pelo número de páginas.

desenvolvidos⁴. Historicamente, não cabia aos filhos e netos abastados ficarem sem o saber reconhecido socialmente, assim como ficaram os filhos dos homens do eito. Já o segundo afastamento foi em contexto de declínio do engenho, da morte do avô, e com muitas incertezas para o futuro, o que encerra o sujeito narrador numa experiência de perda: “tudo se ia de vez. A casa-grande, cada vez mais, perdia as vozes de antigamente, silenciosa a todas as horas do dia” (p. 231). Assim, pode-se dizer que a deterioração da “casa-grande” testemunha, num contexto de ruínas mais amplo, a decadência do engenho e os valores sociais e econômicos nele veiculados.

Ao retornar ao engenho, observamos aí a voz de quem cresceu distante dos seus: “Afastara-me uns dez anos do Santa Rosa. [...] Tornara-me homem feito entre gente estranha, nos exames, nos estudos, em casas de pensão” (p. 17). É possível, por meio dessas lembranças apresentadas, criar algumas conjecturas de como foram esses anos da vida do jovem e sua relação com o engenho. Será esse tempo de academia e das casas de pensão que representa a lacuna temporal não registrada nem em *Doidinho* nem em *Banguê*, mas que a narrativa do presente revela marcas desse passado: “tive saudades de Laura e de toda a minha vida de Recife, dos cinco anos de colegas, mulheres e jornais” (p. 53).

Nesse contexto, sentir saudade de pessoas com as quais a personagem conviveu e de lugares diversos nos quais vivenciou, significa trazer passado e presente de modo indissociado, prolongando os ecos de um tempo que passou no tempo de agora. Trata-se de “ruínas ou escombros, também fragmentos aparentemente insignificantes, se revelam como vestígios, que apontam para a presença do passado etc.” (JANZ, 2012, p. 20). No romance em estudo, tal estado de coisas pode ser visto como restos do que sobrou da realidade histórica em torno da “casa-grande”, circunscritos dentro de um processo social e econômico. Pensando assim, o trecho da narrativa já aqui citado – “perdia as vozes de antigamente, silenciosa a todas as horas do dia” – sugere a ideia desse processo, uma vez que o verbo conjugado no pretérito imperfeito – “perdia” – sugere acontecimentos indefinidos ou não plenamente acabados.

Na narrativa de José Lins do Rego, o protagonista leva, quando de sua vivência no Recife, vestígios de sua vivência no passado, de “fragmentos aparentemente insignificantes” (JANZ, 2012), por meio dos quais o leitor toma conhecimento das

⁴ Holanda (2004): o sentido do bacharelismo.

mudanças operadas no engenho. A apoderação que Carlos faz de sua infância e da imagem de seu avô no Santa Rosa, via processo de rememoração, sinaliza a presença de resíduos de uma experiência que de tanto significar não pode ser apagada. Nesse caso, se, como nos diz Janz (2012, p. 20), “nos apoderamos da coisa no vestígio”, diante da imagem do avô projetada na parede, Carlos sabe que nesse vestígio reside uma espécie de imortalidade do passado pela força expressiva de sua lembrança, capaz de dar vida ao ente que já morreu: “Saí para a sala de visitas e lá estava o retrato do meu avô pendendo da parede. A cara boa do meu avô, os olhos mansos, todo o velho Zé Paulino ficava vivo na moldura (p. 216).

À luz desse entendimento, podemos dizer que o narrador vai apresentando ao leitor esses vestígios e, como um arqueólogo, vamos juntando as peças. Sobre esse aspecto, tomemos o seguinte fragmento do romance em estudo: “E o Santa Rosa estava ali. Seria o mesmo dos meus dias de menino? Sem dúvida que a vida passara também para ele. Onde estava Generosa, Galdina, Ricardo?” (p. 17). Nessa direção, a narrativa aponta para um quadro de mudanças tanto do engenho quanto da personagem, ao mesmo tempo em que traz o indicativo de que algumas pessoas já não habitavam mais naquele espaço. Pessoas que, possivelmente, foram importantes na infância do protagonista (agora retomadas pelas lembranças) e deixaram um vazio. As modificações também eram percebidas no espaço: na casa, no engenho como um todo:

A casa **era mais vazia**, e tudo nela se amesquinhava para mim. **Lembrava-me** de uns versos de um poeta qualquer que voltava como eu à casa paterna: ‘Deserta a casa, entrei chorando’. Não, não era chorando que eu voltava: era enfadado, cheio de melancolia. E **nem as saudades dos tempos outros** me davam coragem para me fixar ali onde fora o **meu paraíso de antigamente**. E não havia nada mais triste do que **um retorno a esses paraísos desfeitos** (p. 17 – destaque nosso).

Aqui, o leitor tem contato com o presente e, simultaneamente, com o passado do narrador. O protagonista recupera momentaneamente as lembranças da casa e nos apresenta o vazio de como ela se encontra no presente, ao mesmo tempo em que nos deixa pistas de como eram suas experiências nesse espaço. A voz melancólica evidencia um apagamento da casa como primeira morada; os sentimentos de integração e de proteção para com o espaço são desfeitos (BACHELARD, 1978). Um possível passado de abundância, de casa cheia, misturado com a grandiosidade revelada por meio das lentes de uma criança que agora já não eram as mesmas de

um adulto. Nesse caso, o paraíso é desfeito duplamente (primeiro porque não há mais os olhos deslumbrados da criança, segundo porque Carlos volta como um estrangeiro). As reflexões sobre essas mudanças é um exercício contínuo na voz do narrador:

Há quase um ano que estava ali e as noites não mudavam. [...] Lembrava-me dos meus passeios de carneiro e procurava os mesmos campos das minhas escapulas de menino. Faltava qualquer coisa na minha vida [...] os moleques que haviam sido os meus companheiros [...] passavam por mim como estranhos [...] um dia chamei um deles para conversar [...] falava comigo desconfiado, de cabeça baixa (p. 25).

A partir do excerto acima, vemos que as transformações não vieram só para menino, nem só para o engenho, mas também para o avô, para “os moleques que haviam sido os meus companheiros” (p. 25). Os amigos de infância já eram agora trabalhadores do engenho e Carlos se tornou um estrangeiro para eles, na medida em que passou a se sentir como um estranho na própria terra que o gerou, ao questionar “[...] onde estariam os moleques com que me criei? [...] todos degradados pelo eito, na enxada alugada” (p. 98). Mudanças que o tempo engendrou tanto no engenho Santa Rosa enquanto espaço social e econômico que não acompanhou os sinais de modernização por que passara o país, mudança na vida íntima e psicológica de Carlos por não se adaptar à nova realidade. Carlos parecia não se dar conta de que o mundo não é senão “uma perene vacilação”, como nos assegura Montaigne (em citação de AUERBACH, 2004, p. 250. Nele, não temos garantias de jovialidade, da fixidez das coisas, das pessoas; tudo vacila, como se a travessia na qual estamos inseridos e dela emergimos nos lançasse a um movimento de um lado para outro incessantemente, muitas vezes num ritmo vertiginoso da modernidade que o tempo se encarrega de imprimir.

Ao rememorar o passado, Carlos confessa ser incapaz de recuperar a totalidade do que viveu em sua história no Santa Rosa. Por isso, às vezes, parecia andar em círculos, “procurava os mesmos campos”; às vezes, desconhecia o que realmente sobrou dos escombros de sua própria história, por não saber precisar o que lhe faltava: “faltava qualquer coisa na minha vida”. Na verdade, a fala da personagem nos leva a perceber a existência de uma vida intervalar, feita de “rastros pouco visíveis” (GAGNEBIN, 2012, p. 33), cujos fragmentos ou detalhes, a qualquer momento, podem ser reativados pela memória. Porém, na ausência dessa reativação,

o que se tem é o sujeito da falta na representação de Carlos, pois a "falta de qualquer coisa" em sua vida soa como um presente de ruínas, mergulhado que está num abismo de melancolia ou de tristeza profunda.

Esses rastros poderiam ser vistos como insignificantes se pensarmos na "insignificância" dos trabalhadores do engenho. Entretanto, Carlos atribui-lhes valor, pois foram amigos na infância, o que soa como um componente de humanização da personagem. São imagens de um passado que vêm à memória de Carlos sob a forma de resíduos ou de fragmentos, daí a sua angústia diante da impossibilidade de recuperar a integralidade do que viveu. Ele se encontra situado entre duas forças indissociáveis do tempo – a do passado e a do presente, por onde também se inscrevem a lembrança e o esquecimento (RICOEUR, 2007) que toda memória comporta.

Nesse entendimento, para Ecléa Bosi (1994, p. 89), "a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente [...] O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte". Assim, com essas reflexões, ao apresentar suas memórias, a personagem revela ao leitor o passado do avô, a determinação, a grandeza, o vigor, a força, a coragem, dentre outros atributos de um verdadeiro senhor de engenho:

Nos outros tempos, o velho José Paulino não parava, a gritar para todos os cantos. [...] Tudo no engenho dependia dele. Sabia encontrar jeito para as dificuldades. Era o chefe no grande sentido. [...] Onde houvesse serviço necessitando de quem soubesse mandar fazer as coisas, o meu avô lá estava. [...]. Desde menino que eu gostava de vê-lo nas manobras (p. 21-22).

Fundamentado nessas retomadas, tomamos conhecimento das experiências de sucesso do coronel José Paulino que acompanhava tudo no engenho, controlava e sabia agir em todas as situações. Porém, com a natural vacilação da vida, a idade chegava e a narrativa dá conta também da progressiva degradação do homem como consequência da velhice, do cansaço, com a saúde já fraca: "[...] reparava no meu avô que se acabava. Quase mouco. Gritava para todo o mundo; esquecia as ordens que dava [...] depois começava a perder a memória para os fatos mais recentes" (p. 25).

A progressiva degradação acontece também com o engenho. O contexto agrário, patriarcal, político, social e econômico do país, até o final do século XIX, favoreceu a ascensão dos engenhos. Entretanto, na virada do século, os sinais de

modernização do país contribuíram para a crise, decadência e falência de muitos engenhos de cana de açúcar com a chegada das usinas (PRADO JÚNIOR, 1987)⁵. Esses reflexos são visíveis também na ficção, conforme nos revela o fragmento a seguir:

A usina comia, um por um, os engenhos. O meu avô resistiu. Vieram-lhe propostas, dariam mundos e fundos para passarem os trilhos pelo Santa Rosa. Ele estava velho e queria morrer descansado. E esbarrou no Santa Rosa a corrida do gigante (p. 187).

Como se vê, a narrativa traz à sua expressão as contradições ou o embate de duas realidades socioeconômicas que se entrecrocaram nas primeiras décadas do século XX no Brasil: de um lado, a tradição em ruínas do engenho; de outro, a usina, representante do mundo social já guiado pelo signo da industrialização e da modernidade. Nesse contexto, a tradição é sucumbida face ao novo, representado pela modernização, pois “a usina comia, um por um, os engenhos”, mas não sem o enfrentamento já que o avô, representante da tradição, dá sinais de resistência à nova ordem. E a corrida do gigante (usina) para conquistar o Santa Rosa se deu somente após a morte do velho Zé Paulino. Temos aí sinais de resistência marcados no movimento interno da narrativa: um sujeito que passa por conflitos existenciais (Carlos), talvez, por consequência dos conflitos históricos (nova realidade socioeconômica do país). Para Bosi (1996, p. 26), tal resistência é “um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância [...] e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições”.

O drama humano revelado nos rastros de Carlos

Nas memórias de Carlos o avô é apresentado como um senhor que “[...] nunca precisou de guarda-costas e foi respeitado por todos” (p.162). São lembranças de tempo de abundância do engenho e de fortaleza do avô, como um rastro da permanência do passado no presente. Essa instância do passado se inscreve no presente do neto, que de tanto significar tenta não sucumbir diante do processo de modernização do país e das mudanças impostas pelo tempo. Isso representa “a mais

⁵ Apesar da forte relação temática do presente estudo, não será objetivo nosso discutir aqui as questões da modernização no nordeste brasileiro.

forte imagem do que já se foi, isto é, como uma ausência. É preciso que o rastro de alguém seja percebido por outro para que seja feita a conexão entre presente e passado” (GINZBURG, 2012, p. 126) e essa conexão é ativada por Carlos de Melo na relação afetiva que mantém com o avô, ainda com este já ausente.

A ausência do avô se transforma, no presente, em imagem consagrada do que se passou, como se ele passasse a seguir os rastros do próprio de seu Zé Paulino, e, com isso, se conectasse ao passado, fazendo da ausência uma presença de fragmentos de sua história vivida, quando recupera os feitos de Zé Paulino, que seria um exemplo em qualquer lugar, “[...] cuidando da família com o mesmo zelo, morrendo pelos seus da mesma maneira. Não fora o engenho que fizera grande meu avô. Ele é que fizera o engenho grande” (p. 29). Notamos aí as reflexões do protagonista, as quais nos levam ao pensamento de Nietzsche (2005, p. 17):

Quando abordamos o passado histórico com o olhar posto no presente e lançado para o futuro, quando buscamos no passado uma exemplaridade do que é elevado e fecundo, quando isto nos inspira os desejos mais longínquos, então, o sentido histórico é útil à vida de um indivíduo, de um povo ou de uma cultura.

As palavras do filósofo alemão, quando valorizam a retomada do passado histórico, tentam mostrar o quanto esse passado pode servir de lição ao presente. Na narrativa em questão, observamos o quanto o passado de Zé Paulino vem como exemplaridade de um ser humano cheio de valores dentro do contexto em que viveu. Ao mesmo tempo, o neto não consegue manter no presente esses valores. Com isso, os vestígios desse passado são apresentados ao leitor imbricados com o presente, feitos de uma tensão sempre crescente entre o lembrar e o esquecer, entre a ausência da totalidade do vivido e a sua presença através dos restos do que sobrou. Tais fatos nos levam mais uma vez ao pensamento de Jeanne Gagnebin (2002, p. 129):

O rastro é fruto do acaso [...] ele foi deixado por um animal que corre ou por um ladrão que fugia, ele denuncia uma presença ausente sem, no entanto, prejudicar de sua legibilidade: já que quem deixou rastros não o fez com uma intenção de transmissão ou de significação, o decifrar dos rastros também é marcado por essa não-intencionalidade.

Ao retomar o passado grandioso de Zé Paulino, Carlos denuncia sua própria fragilidade, um julgamento da incapacidade de manter o status e a pose de senhor de engenho que, aos poucos, se degradava, perdia as forças e o interesse pelo engenho:

“Às vezes chegavam os amigos do Pilar para as conversas [...] O velho Zé Paulino pouco falava, deixando a visita sozinha batendo boca. Vivia num desinteresse visível por tudo” (p. 26), sinal de uma profunda melancolia em função de suas muitas perdas. As reflexões externalizadas pela narrativa são manifestações individuais tanto do avô quanto do neto, que demonstram estado melancólico de ambos por se tornarem incapazes de deterem o ritmo do tempo (idade do avô) e da modernidade. Nesse sentido, “o romance como gênero fundador da modernidade funda-se, por sua vez, no solo móvel e subterrâneo de ambíguos influxos melancólicos” (LAGES, 2007, p. 136).

A visível fragilidade do avô começava a angustiar o neto que “[...] não compreendia como tivera chegado às beiras da loucura. Todos, naquele tempo, me tomavam por maluco” (p. 129). A não garantia do vigor em suas ações deixa o moço cheio de incertezas e conflitos, um sujeito à deriva dos acontecimentos. E o momento de assumir a voz ativa no engenho vem como uma inevitável tempestade que se aproxima, porém, é visível a falta de habilidades para dominar os subordinados que o sistema rural impõe. A inaptidão do bacharel é manifestada, por exemplo, no fragmento a seguir:

Uma ocasião montei a cavalo e fui ver os cabras no eito. Seria um senhor de engenho. No caminho, enquanto o cavalo corria, formava os meus castelos de sempre [...], cheguei no partido Paciência [...], o feitor aproximou-se, no hábito de receber ordens ou levar gritos. Não lhe perguntei nada. Senti uma espécie de vergonha de estar ali fingindo de senhor. Demorei-me um bocado, mas meu olho de chefe não alcançava o que devia alcançar. Na volta disse ao meu avô que estivera no eito.

– Quantos homens tinham lá?

Não havia contado. Riu-se para mim. E como se me desse uma resposta fulminante:

– O moleque já trouxe os jornais do correio. (p. 26-27).

Vemos no excerto acima um narrador-personagem que gostaria de “encher de alegria os últimos dias” (p. 26) de Zé Paulino. Contudo, a tentativa de assumir o engenho é frustrada, pois o seu “olho de chefe não alcança o que deveria alcançar”. Temos aí um sujeito que revela insegurança diante do sistema dominante: cria projeções (castelos) para ser senhor de engenho; mas não demonstra voz autoritária, não se sente autorizado e ainda tem vergonha de gritar com os cabras do eito.

Diante das lembranças que a narrativa tece, o leitor segue um duplo rastro: o de Carlos e o de Zé Paulino. Ambos estão inscritos um no outro, seja pelos laços sanguíneos, seja por estarem no Santa Rosa, seja pela tentativa de continuidade da

tradição rural e patriarcal, apesar de aos poucos o neto se mostrar inapto a continuar a trajetória de sucesso do avô. Isso não somente por falta de vontade, mas também pela interferência do contexto de modernização que traz crise social e econômica para o engenho: “o que me adiantava naquele momento avaliar a grandeza do meu avô? O fato era um só. A Usina São Félix se mobilizava para me destruir” (p. 190). Esses fatos, sem dúvida, geram conflitos internos nos sujeitos que ocupam esse espaço, por não saberem conviver com a decadência.

O interesse por registrar a decadência e o fracasso “foi responsável direto por uma das maiores conquistas do romance de 30 para a ficção brasileira que viria a seguir” (BUENO, 2006, p. 80). Nos anos de 1940, a figura dos fracassados, presente na maioria dos romances de 1930, terá uma das recepções vindas pela voz de Mário de Andrade (2002). Para o modernista, o Carlos de Melo, de José Lins, talvez, seja o primeiro a revelar a figura típica da falência de todo o sistema patriarcal e rural no Brasil.

Sobre esses aspectos sociais e econômicos, verificamos que, naquele momento da literatura brasileira, o romance do Nordeste representava a própria realidade da região. Os escritores, conscientes ou inconscientemente, estavam imbuídos ideologicamente, e a prosa se voltava às questões da cor local, com interesses pelas expressões linguísticas tipicamente brasileiras, pelas regiões geográficas e, principalmente, pelos conflitos sociais e políticos como objetos preferenciais para a prosa romanesca (CANDIDO, 1987).

Retornando ao romance *Banguê*, as incertezas e impasses vividos pelo protagonista possibilitam pensamentos de culpabilidade ao refletir sobre as ações do avô: “E quando ele falava de homens trabalhadores talvez que quisesse ferir o neto que passava o dia de rede, de jornal na mão, olhando o tempo, confiando não sei em quê” (p. 26). No entanto, há incertezas nessas retomadas. Não há garantia que o avô queria ferir o neto, uma vez que a própria narrativa adota o “talvez”, uma expressão adverbial de dúvida. Nesse caminho, a dúvida ocupava os pensamentos de Carlos, talvez, o peso da consciência por não ter uma ocupação, misturado com a vontade de acertar e a demonstração de falta de manejo para o engenho. Até porque não foi para a lida no engenho que dedicou anos de estudo e, se o avô oportunizou estudos, talvez quisesse vê-lo bem-sucedido como bacharel. Ou seja, essas lembranças são ativadas dentro de um cenário bastante complexo para o protagonista: voltou para o engenho, mas não aprendeu a ser senhor de engenho; estudou para ser bacharel, mas está no

engenho. À vista disso, não conseguia ser senhor de engenho, nem ganhar a vida como bacharel. Esses são alguns dilemas vividos por Carlos de Melo, que podem ser percebidos a partir de vestígios trazidos em suas lembranças e, como a personagem se desenha pelas cores da melancolia, o passado se irradia no presente sem unidade, diante da complexa relação tanto com as outras personagens quanto com os espaços onde circula.

Nesse percurso de memória lacunar, o que nos salta aos olhos é a voz de um sujeito desesperado, um tanto desencantado com a vida por não conseguir ser o que pretendia, não conseguir ser o que os outros esperavam dele. Os sinais do desespero, no sentido que nos empresta Kierkegaard (2010) se evidenciam em cada comportamento de Carlos. Durante a trama narrativa, ele parece trazer como inquietação o desejo de libertar-se de si e do mundo que o sufoca para se tornar o sujeito de suas invenções. De tal modo, ser um senhor de engenho tanto faria o deleite de seu avô quanto de seus tios; daria continuidade a uma trajetória secular. Todavia, o seu suplício é não conseguir ser o que quer ser; não conseguir se libertar de seu verdadeiro eu. Diante desse impasse, será o tio Juca que apontará uma saída: arranja-lhe um trabalho em uma promotoria no Paraná, pois o ritmo de vida do sobrinho incomodava alguns familiares e sua inaptidão era motivo de preocupações maledicentes entre os tios. Isso se confirma na passagem a seguir:

Recebi uma carta de Juca mandando este telegrama.

E deu-me a carta e o telegrama. Tio Juca arranjava as coisas ao seu jeito mandando para o velho Zé Paulino os resultados do seu trabalho: uma promotoria para mim, no Paraná. Olhei o velho e o velho não me disse nada.

– O senhor responda que eu aceito.

Vi então que o meu avô chorava. Os seus olhos azuis marejados. E num ímpeto, como se já tivesse feito aquilo muitas vezes, tomei-lhe as mãos e chorei sobre elas como menino.

– Vá, se quiser. Vá, se quiser. Estou para morrer. Queria ao menos que ficasse um aqui até o fim (p. 60).

É possível ver nesse fragmento o impasse vivido tanto pelo protagonista quanto pelo velho José Paulino, pois os dois choram diante da notícia: “vi então que o meu avô chorava” e “tomei-lhe as mãos e chorei sobre elas como menino”. Carlos diz aceitar o emprego, talvez para confortar os tios, desfazer-se da imagem de ser inútil, “não serve para nada” (na boca de tia Sinhazinha), e ir à busca de sua felicidade e sucesso profissional em outras terras. Contudo, a atitude do velho o faz ficar. Zé Paulino revela-se sensível e, talvez, já tenha se acostumado à companhia esquisita

do neto; o velho “queria ao menos que ficasse um aqui até o fim”, queria companhia até os últimos instantes de sua vida. Se no dizer de Kierkegaard (1968), a angústia consiste, grosso modo, numa ambiguidade psicológica, inocência e culpa, numa constante dialética, então podemos dizer que, ao ler *Banguê*, o leitor logo percebe que a narrativa se move sob dupla angústia: o neto quer assumir o emprego, mas tem apego ao avô; José Paulino quer que o jovem vá “ganhar o mundo”, mas não quer ficar sozinho. A sensação de impotência e de impasse vivenciada pelas personagens corresponde à consequência da frustração pessoal, vista de início como um fracasso. Essa visão de fracasso, por sua vez, constitui-se como uma das preferências dos romancistas desse período, e daí “vem a particularidade do realismo praticado pelo romance de 30 em relação ao realismo do século XIX” (BUENO, 2006, p. 77), tendo José Lins como um autor trágico em que a humanidade de seus protagonistas domina o enredo ao mesmo tempo em que têm de “abraçar o infortúnio de seu destino, seja qual for, por sua ligação com os valores familiares” (BUENO, 2006, p. 150).

Nesse caminho de rastros e impasses que a narrativa revela, percebemos, então, o drama humano vivido por Carlos de Melo desde os primeiros anos de vida até sua saída definitiva do engenho, com a chegada das usinas e a morte do avô, representante do mundo social já guiado pelo signo da industrialização. Com isso, a narrativa traz um processo de rememoração de um mundo lembrado à base de observações no presente, tal como elucidamos na passagem:

De noite, sozinho, na sala de jantar, com o candeeiro de gás e a mesa somente posta na cabeceira, lembrei-me das noites de chá dos velhos tempos, da lâmpada de álcool prateando tudo, a mesa cheia de gente, o meu avô contando histórias. E aquilo não era de época remota: era de ontem, quase (p. 191).

O fragmento acima corresponde às reflexões de Carlos de Melo, no final do romance *Banguê*, e nele podemos perceber que o passado continua incorporado ao presente e exige do protagonista saber lidar com o que restou dentro de um horizonte de perdas (SEDLMAYER e GUINZBURG, 2012), ao mesmo tempo consciente da passagem efêmera do tempo definidor da vida moderna que tudo muda e transforma: “E aquilo [...] era de ontem, quase” (p. 191).

Algumas considerações

A presente leitura do romance *Banguê* possibilita estudos da memória cultural e da tradição literária do Brasil, conforme Bueno (2006, p. 27) afirma: “É possível projetar para discuti-los, muitos dos elementos que fizeram do romance de 30 um passo decisivo de nossa tradição literária, cujos efeitos se espalham até hoje por toda a cultura brasileira”. Desse modo, alicerçado nos rastros deixados na narrativa, é possível decifrar fragmentos e reconstruir a história do engenho Santa Rosa e das pessoas envolvidas nesse espaço, reconstruir também uma visão da história dos engenhos do Brasil aristocrático e rural do século XIX:

Ao juntar os rastros/restos que sobram da vida e da história oficiais, poetas, artistas e mesmo historiadores, na visão de Benjamin, não efetuam somente um ritual de protesto. Também cumprem a tarefa silenciosa, anônima, mas imprescindível do narrador autêntico e, mesmo hoje, ainda possível: a tarefa, o trabalho de *apokatastasis*, esta reunião paciente e completa de todas as almas no Paraíso, mesmo das mais humildes e rejeitadas, segundo a doutrina teológica julgada herética pela Igreja) de Orígenes, citado por Benjamin (GAGNEBIN, 2002, p. 133).

Como, para Benjamin, rastro tem relação direta com narração (GINZBURG, 2012), podemos interpretar os rastros presentes na narrativa do neto de um senhor de engenho como sendo resíduos potenciais da história do país no contexto da decadência dos engenhos de cana de açúcar, contexto de fortes tensões econômicas que acarretaram mudanças e impasses individuais e coletivos. Como é próprio da literatura atingir o geral no particular, as angústias de Carlos são também, por analogia, as angústias e dilemas experienciadas por inúmeros descendentes de senhores de engenho que não conseguiram dar continuidade ao império dos engenhos açucareiros no Brasil do final do século XIX para o início do século XX. O contexto social, político e econômico do país já não permitia o prosseguimento de muitas práticas. Com isso, é possível que, em face do contexto de modernização do país, decorrente de instalações de usinas que representavam o progresso e o moderno, formas mais tradicionais que faziam girar a economia e a vida social tradicional foram sendo sufocadas, conforme o final do romance nos aponta: “naquela manhã de minha partida, sentia que não podia fazer mais nada. Fracassara completamente” (p. 238).

Segundo Ginzburg (2012, p. 130), romances como *Banguê* expõem mundos conflituosos, “impasses sem conciliações, em que a estranheza, ao invés de se

desfazer, se acentua”. E, a partir dessa expressão algumas vezes incompreensível em meio a tantos conflitos vivenciados pelas personagens, podemos tentar compreender o passado histórico e, por que não, econômico e social do país.

Carlos é, portanto, uma representação do drama humano dentro do drama que vive na narrativa. Os conflitos existenciais vivenciados por ele são conflitos da própria existência humana e estão representados em tantas outras personagens da literatura brasileira. Assim, romances como *Banguê* insistem no não apagamento da história vivida e ajudam a elaborar a história social do país.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Ulisses ou Mito e Esclarecimento. In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1985, p. 53-80.

ANDRADE, Mário. A Elegia de Abril (1941). In: *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed. Editora Itatiaia, 2002.

BACHELARD, Gaston. *Os pensadores: A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, c1985. v.1, p. 222-232.

_____. *Passagens*. Organização da edição brasileira Will Bolle; colaboração na organização da edição brasileira Olgária Chain Féres de Matos; tradução do alemão Irene Aron; trad. do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão técnica de Patrícia de Freitas. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: *Itinerários*. Araraquara, nº 10, 1996, p. 11-27. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577/2207> (acesso em 06 de abril de 2022).

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antônio. A revolução de 1930 e a cultura. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. Pt.3, p. 181-198.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *O rastro e a cicatriz: metáforas da memória*. Proposições, Vol. 13, nº 3 (39) set/dez, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org.). Belo Horizonte: editora UFMG, 2012, p. 27-38.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org.). Belo Horizonte: editora UFMG, 2012, p. 107-131.

JANZ, Rolf-Peter. Ausente e Presente. In: *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org.). Belo Horizonte: editora UFMG, 2012, p. 13-25.

KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de Angústia*. Tradução de Torrieri Guimarães. Hemus Livraria Editora LTDA. 1968.

KIERKEGAARD, Soren. *O desespero humano*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: UNESP, 2010.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

AUERBACH, Erich. L'Humaine Condition. In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2004 (Estudos).

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre história*. Trad. Apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed PUC, Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. 35ª edição. Rio de Janeiro. Editora Brasiliense, 1987.

REGO, José Lins do. *Banguê*. 24ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2012.

_____. A fala do invisível. In: *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2012, p. 7-12.